



20(2):227-233  
jul./dez. 1995

# RESENHA CRÍTICA

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

## Erotismo e Democracia: um novo programa ético?

Mauro Grün

A teoria social contemporânea tem vivido um dilema nas últimas décadas. Os teóricos sociais parecem estar inevitavelmente aprisionados a uma estéril dicotomia que sugere que deveríamos ou nos preocupar quase exclusivamente com as questões macrosociais (que dizem respeito as questões estruturais) ou então voltarmos nossas atenções para as análises microsociais (sexualidade, subjetividade, erotismo, imaginários etc.). Existe uma interdição no pensamento social contemporâneo. É como se você fosse obrigado a escolher uma dessas abordagens em um procedimento invariavelmente excludente. As abordagens “macro” estariam quase naturalmente investidas de uma certa responsabilidade social, ao passo que as análises concernentes as questões “micro” estariam quase sempre desresponsabilizadas de um compromisso social mais explícito e, de certa forma, “desvinculadas” da estrutura social e das instituições de um modo geral.

Mas felizmente existem exceções capazes de transpor esse tipo de dualismo simplório e reducionista. Uma dessas agradáveis exceções chama-se Anthony Giddens. Em seu último livro publicado no Brasil — *A Transformação da Intimidade* —, Giddens nos oferece um exemplo criativo e bem elaborado de como questões aparentemente “íntimas” (secundárias para alguns) e restritas a esfera pessoal ou privada, como a sexualidade, o amor, o erotismo, a amizade, o

casamento e as relações entre pais e filhos, adquirem ampla ressonância nas instituições democráticas modernas e na estruturação da ordem social.

A *Transformação da Intimidade* aponta em direção a uma democratização radical da esfera pessoal. O livro defende uma tese: está em curso uma transformação radical nas experiências sociais cotidianas e essa transformação tem repercussões importantes nas instituições modernas. As instituições, por sua vez, reflexivamente, exercem influência sobre as experiências sociais cotidianas. Aqui cabe uma recomendação ao leitor. Embora o trabalho de Giddens não exija extensos conhecimentos prévios, constituindo-se em uma leitura acessível, seu livro anterior, *As Conseqüências da Modernidade*,<sup>1</sup> é quase um pré-requisito para ler *A Transformação da Intimidade*, principalmente para compreender o conceito fundamental de “reflexividade do moderno”.

Antes de lançar-se mais diretamente na defesa de sua tese, o autor apresenta um pequeno capítulo intitulado *Foucault e a Sexualidade* (cap.2). Ao tomar contato com esse texto, o leitor de Foucault não poderá deixar de sentir um certo desconforto e desapontamento com o modo superficial, apressado e até mesmo equivocado com que Giddens trata o pensamento foucaultiano. No entanto, o capítulo sobre Foucault tem um papel muito bem definido na estratégia argumentativa adotada por Giddens. Foucault é introduzido não para suscitar uma discussão sobre suas idéias, mas unicamente com o intuito de fornecer um contraponto às questões que Giddens irá trabalhar nos capítulos subsequentes. A estratégia é simples. Trata-se de examinar aquilo que Foucault e a maior parte dos teóricos sociais contemporâneos não examina — o amor<sup>2</sup>.

O amor, esse tema tão desprezado pela teoria social, é tratado por Giddens com grande sofisticação conceitual e capacidade analítica. *A Transformação da Intimidade* é um livro sobre as emoções. Partindo da distinção entre o *amor romântico* e o *amour passion*<sup>3</sup> Giddens vai desenvolver o argumento de que está em curso um processo de transformação da intimidade moderna e esse processo parece apontar na direção de uma democratização radical da esfera pessoal. O amor romântico é um dos fenômenos centrais dessa transformação da intimidade. Na perspectiva delineada por Giddens o amor romântico “é o modo contra-factual do carente — e do séc XIX em diante participou de uma reelaboração importante das condições da vida pessoal”. (1993, p.57). A idéia de amor romântico é precursora de importantes modificações na estruturação dos relacionamentos modernos.

“Nos períodos iniciais do desenvolvimento moderno, para muitas mulheres havia uma ligação quase inevitável entre o amor e o casamento. Mas mesmo então, absolutamente à parte das intervenções dos autores feministas prescientes, as mulheres estavam de facto explorando outros caminhos” (Giddens, 1993, p.67).

Os homens permaneceram mais próximos do *amour passion*, que está ligado com a quebra da rotina e do dever e com a busca da aventura da sexualidade episódica. Segundo o sociólogo italiano Francesco Alberoni (1986) esse tipo de amor é caracterizado por uma intensa fragmentação no imaginário erótico (compulsão). Enquanto os homens viam no casamento e na família um refúgio do individualismo econômico, as mulheres estavam se tornando especialistas no que hoje chamamos de “intimidade”.

Se no amor romântico o amor era vinculado à sexualidade através do casamento, nas atuais circunstâncias sociais modernas é o *relacionamento puro* que os vincula. A emergência de formas de relacionamento puro é talvez o aspecto mais importante para a reestruturação da vida íntima moderna, para a reformulação do casamento e de outras formas de vínculo pessoal próximo. O relacionamento puro não tem nada a ver com alguma suposta “pureza sexual”. Para Giddens (1993) o relacionamento puro

*“(...) refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.” (p.68-69).*

Os relacionamentos *gays* femininos e masculinos foram os pioneiros nesse tipo de relacionamento puro que agora começa gradativamente a ser incorporado por casais heterossexuais. Os *gays* são “os primeiros experimentadores do cotidiano”. (idem, p.150). Segundo Giddens (1993) uma das formas mais desejáveis de relacionamento puro é o *amor confluyente*. “O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da idéia de amor romântico”. (Giddens, 1993, p.72). O amor confluyente busca não a “pessoa especial”, mas cada vez mais o “relacionamento especial” e introduz pela primeira vez na história de nossa cultura a *ars erotica* no cerne das relações conjugais. Mas agora não como uma habilidade pertencente às “mulheres impuras”, mas como uma qualidade genérica da sexualidade e da erotização de todas as relações pessoais contemporâneas.

À luz do minucioso arcabouço analítico sobre amor desenhado nos quatro primeiros capítulos, Giddens analisa nos capítulos *Amor, sexo e outros vícios* (cap.5), *O significado sociológico da co-dependência* (cap.6), *Distúrbios pessoais, problemas sexuais* (cap.7), alguns aspectos e implicações do relacionamento puro e suas associações com questões da auto-identidade e da autonomia pessoal. Para tanto, o autor examina depoimentos e prescrições contidas nas obras terapêuticas e manuais de auto-ajuda. Esse procedimento rendeu a Giddens várias críticas que consideraram muito superficiais e pouco representativas as suas análises. Mas tais críticas me parecem improcidentes e

revelam, antes de mais nada, uma certa falta de perspicácia metodológica na leitura e na compreensão da proposta do livro. Giddens em nenhum momento pretende examinar questões tais como alcoolismo, drogadição, alimentação excessiva ou *sex addiction* (vício em sexo), seu objetivo é analisar os processos compulsivos inerentes a essas questões relacionando-os com as discussões sobre auto-identidade e autonomia pessoal no mundo moderno. Daí a sua preocupação perfeitamente justificada com os processos compulsivos descritos por Kasl (1990) em *Women, Sex and Addiction*. Esses processos representam exatamente o oposto da democratização da vida íntima e do desenvolvimento da autonomia pessoal, entendendo essa última como a capacidade de autodeterminação. E a capacidade de se autodeterminar e negociar uma posição eticamente defensável no contexto de uma relação pessoal próxima é uma das características centrais das formas de relacionamento puro.

Embora a idéia de amor romântico tenha aberto o caminho para as formas de relacionamento puro, ela agora fragmenta-se devido a algumas influências que ela própria ajudou a criar. O amor romântico sofre hoje um intenso processo de fragmentação. Isso se deve, em parte, à pressão em direção à emancipação e à autonomia sexual feminina. A crescente igualdade entre os sexos parece estar deixando os homens em uma situação difícil no que diz respeito à sua identidade sexual. (Goldberg, 1979). No mundo moderno, o confinamento ou negação da resposta sexual feminina sempre andou lado a lado com a aceitação da sexualidade masculina como não-problemática. Agora os homens parecem fragilizados diante das transformações da intimidade. Criou-se uma espécie de abismo emocional entre os dois sexos. O ponto nodal das investigações de Giddens pode ser melhor descrito em suas próprias palavras:

*“Para as mulheres, o problema era fazer do amor um meio de comunicação e autodesenvolvimento — tanto em relação aos filhos quanto em relação aos homens. A reivindicação do prazer sexual feminino veio a se transformar em um elemento básico da reconstituição da intimidade, uma emancipação tão importante quanto qualquer outra buscada na esfera pública. Para os homens, a atividade sexual tornou-se compulsiva a ponto de ficar isolada destas mudanças mais subterrâneas.”*(1993, p.196).

São essas “mudanças subterrâneas” que parecem estar criando as condições para uma possível emancipação sexual, que seria a forma mais adequada para uma reorganização emocional da vida social. “As mulheres prepararam o caminho para uma expansão do domínio da intimidade em seu papel como as revolucionárias emocionais da modernidade”(Giddens, 1993, p.146). A emancipação sexual não é uma temática nova na teoria social. Mas em Giddens a emancipação sexual não é entendida nos termos propostos por radicais sexuais como Reich e Marcuse nos anos 50 e 60. Nas considerações de Giddens o que está em jogo é

muito mais do que a sexualidade. Trata-se de uma democratização radical da vida pessoal, uma transformação da intimidade. Essa transformação e suas possíveis conseqüências estendem-se “de um modo fundamental às relações de amizade e, crucialmente às relações entre pais e filhos e outros parentes”(Giddens, 1993, p.200). As mulheres desempenharam o papel principal em todo esse processo que parece estar se direcionando para a elaboração de novos programas éticos. Aqui, reside a formulação mais original do trabalho de Giddens. Que as mulheres vem exercendo um papel fundamental nas transformações do mundo moderno, e que os homens parecem desconcertados com a crescente autonomia sexual feminina não lhe parece ser uma grande novidade. Mas analisar todo esse processo a partir da possibilidade da formulação de novos programas ético-cotidianos, relacionando-os com a estruturação da ordem social é, sem dúvida, algo muito original e revela uma acuidade sociológica invulgar.

O autor vislumbra o “desenvolvimento de uma estrutura ética para uma ordem pessoal democrática, que nos relacionamentos sexuais e em outros domínios pessoais se adaptam a um modelo de amor confluyente”(p.206). A ordem pessoal democrática, no entanto, não está restrita ao indivíduo, ela influencia os contextos institucionais da sociedade contemporânea. Segundo Giddens (1993) “Há condições estruturais na sociedade mais ampla que penetram no coração dos relacionamentos puros, inversamente, a maneira como tais relacionamentos são ordenados tem conseqüências para a ordem social mais ampla”.(p.213). A política de democratização da esfera pessoal traz à cena várias questões cotidianas existenciais e as remoraliza em novos programas éticos. O que está em questão é a construção de uma ética cotidiana na qual a identidade sexual, a auto-identidade e a preocupação moral com os outros estejam inter-relacionadas.

Giddens identificou um problema da mais alta relevância não só para a teoria social, mas para o pensamento filosófico moderno de um modo geral — a impossibilidade de se avaliar as emoções. Os julgamentos morais, ao longo da história da filosofia, têm sido uma atribuição praticamente exclusiva da razão. A razão moderna não foi apenas separada dos dogmas da tradição, mas também das emoções. Isso acabou por criar não uma repressão da emoção, como sugerem as interpretações tradicionais, mas uma *divisão institucional* entre a razão e os sentimentos. Assim, abriu-se um abismo entre ética e emoção. As questões éticas são questões relativas ao domínio público, ao passo que as questões emocionais são concernentes à esfera privada, secreta e íntima. No mundo moderno, os homens mantiveram-se afastados da intimidade. Suas buscas sexuais foram mantidas separadas de suas identidades públicas. Comentando o afastamento dos homens da “intimidade”, Giddens observa que

*“A promoção da democracia no domínio público foi, de início, primordialmente um projeto masculino — do qual as mulheres afinal conseguiram participar;*

*sobretudo através da sua própria luta. A democratização da vida pessoal é um processo menos visível, em parte justamente por não ocorrer na área pública, mas suas implicações são também muito profundas.*” (Giddens, 1993, p.201).

O que está em discussão não é tanto “um processo repressivo”, mas uma divisão institucional entre razão e emoção. Os julgamentos morais e os sentimentos são considerados antagônicos. É aqui que as articulações de Giddens revelam um sociólogo com poderosos *insights* e grande habilidade. *A Transformação da Intimidade* não é apenas mais um livro sobre teoria social; é uma demonstração inteligente de originalidade na forma como um cientista social pode tratar de questões “íntimas” e cotidianas como a sexualidade, o amor e a amizade sem perder o horizonte ético, político e institucional da estruturação da ordem social.

Giddens não é um sociólogo prescritivo. Não existem verdades definitivas a serem perseguidas em seu trabalho. Não há “ponto de chegada” dogmático e teleologicamente estabelecido. Mas suas considerações nos permitem pensar que existe a possibilidade de transformações radicalmente democráticas no domínio pessoal e público. As emergentes formas de relacionamentos puros não se fundamentam no poder diferencial entre os sexos, mas na mutualidade e igualdade sexual e emocional. A possibilidade da intimidade significa a promessa da democracia. Um tal transformação da intimidade, diz Giddens, “poderia ser uma influência subversiva sobre as instituições modernas como um todo”. (1993, p.11).

## Notas

1. GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
2. Segundo Giddens (1993), no período inicial do desenvolvimento da ciência social havia um interesse pelo amor enquanto temática de estudo, mas durante o período “clássico” de formação da Sociologia moderna, como em Durkheim, por exemplo, as investigações sociais sobre o amor foram suprimidas e isso, de certa forma, persiste até hoje na teoria social contemporânea.
3. O termo *amour passion* foi originalmente cunhado por Stendhal, mas Giddens o utiliza em um outro contexto que se aproxima mais ao que Alberoni (1986) denomina de erotismo descontínuo. Segundo Alberoni (1986) o erotismo masculino caracteriza-se por um ideário erótico extremamente fragmentado, ao passo que o amor romântico é caracterizado por um ideário erótico contínuo ou orgânico. “O erotismo feminino por si só tende a uma estrutura contínua, cíclica, eternamente recorrente, como a música oriental, que tem um início e um fim. Ou então como o jazz, que é constituído de inúmeras variações, mas sem uma mutação brusca, radical, sem aparições de diversidade absoluta. O erotismo masculino tende, ao contrário, ao descontínuo, à revelação do diverso, do totalmente novo. Em cada mulher, o homem é atingido e fascinado pela diversidade”. (p.196).

## Referências Bibliográficas

- ALBERONI, F. *O Erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução*. São Paulo: Rocco, 1986.
- GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GOLDBERG, H. *The New Male*. New York: Signet, 1979. In: *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- KASL, C. *Women, Sex and Addiction*. London: Mandarin, 1990. In: GIDDENS: A. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.

Mauro Grün é Mestre em Educação pela UFRGS e professor de Filosofia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Endereço para correspondência:

Av. João Pessoa, 41 apt. 323  
90.040-000 - Porto Alegre - RS

ou

Rua Borges de Medeiros, 350  
95.900-000 - Lageado - RS  
E-mail: MGRUN@VORTEX.UFRGS.BR